

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

BRUNA APARECIDA MARAN

REFLEXÕES SOBRE FÉ E RAZÃO EM SANTO AGOSTINHO

MARINGÁ

2022

BRUNA APARECIDA MARAN

REFLEXÕES SOBRE FÉ E RAZÃO EM SANTO AGOSTINHO

Trabalho apresentado como requisito para aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientador: Prof. Dr. José Joaquim Pereira de Melo.

MARINGÁ

2022

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal de compreender a relação estabelecida entre fé e razão por Santo Agostinho, um mestre do século IV, que tinha por fim a conciliação de ambas, para melhor fundamentar filosófica e teologicamente a doutrina cristã, cujos reflexos seriam extensivo à formação do homem pretendido pelo cristianismo.

Ao querer que a fé e a razão tivessem um propósito que apontasse para o mesmo caminho, Santo Agostinho abriu discussões sobre a sabedoria religiosa e o conhecimento científico que instigam a pensar de como a religião poderia se conciliar com a ciência, ou seja, a conciliação fé e razão; o que o conhecimento científico teria para acrescentar a fé; e como esse processo poderia contribuir com a formação do homem cristão.

Isso induz para uma reflexão sobre a fé e a razão em Santo Agostinho, que provocou em seu tempo um novo pensar para o cristianismo, a partir do que postulava e que se fazem presentes até os dias atuais, tendo buscado a Verdade plena de Deus.

[...] É impossível conhecer a verdade da sabedoria, ou seja, a religião verdadeira (a verdade sobre Deus e sobre o Homem) sem se submeter à disciplina severa da autoridade e sem uma fé prévia naquelas verdades que mais tarde chegaremos a possuir e a compreender se, pelo nosso comportamento, o viermos a merecer. (FREITAS, 252)

Aspectos formativos e/ou educacionais de Santo Agostinho, encontram-se espalhados em várias de suas obras: *A Ordem* (386), *A Doutrina Cristã* (396-426), *A Trindade* (399-419), *Solilóquios* (386-387), *De Magistro* (389), *Confissões*, *Instruções dos Catecúmenos* (399) e *Retratações* (426-427), visto entre essas reflexões podemos encontrar pegadas para a formação do homem cristão.

A análise bibliográfica sobre os pensamentos de Santo Agostinho, no que diz respeito à fé e razão, faz-se presente nesta pesquisa como uma metodologia para refletir sobre o saber religioso e científico, e seus vestígios na educação.

Assim, pautamos a vida de Santo Agostinho, e como ela influenciou na sua compreensão de mundo; para em seguida, voltar-se para os seus pensares que deram nova orientação ao corpo doutrinal da Igreja, por extensão, para a educação cristã.

Uma análise sobre a fé como sabedoria divina e razão como conhecimento filosófico constituem a pesquisa tendo como fonte a reflexão agostiniana que tem por título *O Mestre*. Entende-se que o recurso bibliográfico utilizado, elucida em termos teóricos o entendimento da relação entre fé e razão, compilando assim sínteses conceituais, de outro lado, com base na subjetividade da escrita, desenvolvemos um entendimento sobre o conhecimento religioso e científico como fez Santo Agostinho.

Na compreensão das bases teóricas que fundamentaram este trabalho, consistem o levantamento bibliográfico de artigos e livros que auxiliam sobre a relação entre fé e razão para Santo Agostinho; pesquisa e compreensão da dimensão do conhecimento verdadeiro (tido como divino) e do conhecimento científico (tido como humano); fundamentação teórica sobre a vida e produção de Santo Agostinho, cujo resultado foi um pensar com bases mais racionais para o magistério da Igreja, que se preparava e preparava um novo tempo que se inaugurava para a História Ocidental, ou seja, a Idade Média.

Partindo da conversão de Santo Agostinho em que suas reflexões pessoais lhe permitiram inicialmente buscar encontrar-se com a razão, pois este desejava respostas para suas inquietações, como registrou em *Confissões*¹ I, I, 1: “*Senhor, Criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.*”, seguindo na procura pelo caminho da remissão do mal², revelando a fé, de forma que ele entendeu um conjunto necessário.

Segue-se nesta perspectiva para a compreensão da dimensão do conhecimento ao qual a formação do homem idealizado pelo cristianismo contribuiu para a educação, quer no seu tempo, quer para além dele.

Ao se constituir em defensor dessas sabedorias é entendido e considerado o homem que representa a época (BELLINOTTO, 1966).

¹ Primeira obra que explora amplamente os estados interiores da mente humana e o relacionamento mútuo entre graça e livre-arbítrio.

² Solilóquios I, VI.

BIOGRAFIA DO MESTRE DE HIPONA

Aurelius Augustinus ou Aurélio Agostinho, conhecido em todo o mundo como Santo Agostinho de Hipona, foi um teólogo e filósofo dos primeiros séculos do cristianismo. Nasceu dia 13 de novembro de 354 na cidade de Tagaste na Numídia (atual Souk Ahras, Argélia) onde viveu sua infância e juventude, tendo dedicado sua vida aos estudos e parte na vida religiosa, onde chegou a condição de bispo da Igreja, até morrer no dia 28 de agosto de 430 na cidade de Hipona, no mesmo país, tendo vivido por 75 anos.

Filho de pai pagão, convertido ao cristianismo no final da vida, e mãe devota cristã que sempre orou para que Agostinho seguisse a vida Cristã, sendo esta sua grande intercessora e por ela que Agostinho teve seu início do processo de conversão ao cristianismo.

Estudou inicialmente em uma escola na cidade de Tagaste para que aprendesse as primeiras letras. Porém, o deixou com inquietações e ele não via utilidade de seus estudos, como relatou:

Ó Deus, meu Deus, de que sofrimentos e desilusões padeci, quando ao menino que eu era propunham que o ideal da vida era obedecer aos mestres para prosperar neste mundo, para granjear, com a arte da palavra, o prestígio dos homens e as falsas riquezas! Fui enviado à escola para aprender as primeiras letras. Para minha infelicidade, não entendi a utilidade desse trabalho; mas, se me mostrava preguiçoso, era castigado à vara. (CONFISSÕES, 1999. p. 14).

Com isso, ele deixa indicações sobre a constituição da educação desde esse momento, quando relata sobre os alunos sofrerem castigos físicos por falta de interesse escolar, da mesma forma que os ensinamentos não tinham demonstrações de sua importância.

Agostinho ansiava por se formar em retórica, desta forma, aos 12 anos foi para Madauro estudar, mas percebe um empecilho devido aos poucos recursos financeiros e regride à sua casa.

No final da adolescência, aos 17 anos, estando na cidade de Cartago, para estudar retórica, pode concluir seus estudos, com a ajuda financeira de um amigo da família, Romaniano.

Aos 18 anos, após ter lido Hortênsio, de Cícero, livro escrito em forma de diálogo, que expõe às diferenças de Hortênsio com a filosofia, Santo Agostinho revela o início da sua conversão:

“Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a Ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos. Repentinamente, pareceram-me desprezíveis todas as vãs esperanças. Eu passei a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria” (CONFISSÕES, 1999, p.7).

Trecho este que estimula na alma de Santo Agostinho o “amor a sabedoria”. Mas não foi na filosofia que ele teve encontro com Cristo e a fé cristã. (AGOSTINHO, 1999)

No seu início da vida adulta, dos 19 aos 28 anos, passou pela perda de seu pai. Isso fez com que ele buscasse a exercer uma profissão, e se responsabilizar perante a família. Atuou como professor em Tagaste, Catargo, Roma e Milão. Neste mesmo tempo, Agostinho se relacionou por alguns anos com uma mulher que manteve em sigilo, com a qual teve um filho, Adeodato.

Estando em Roma, foi dar aulas de retórica, e observava, assim como em Cartago, muitos estudantes que tinham comportamentos problemáticos referentes à educação. (MARROU, 1974).

Isso o motivou a influenciar-se por seu amigo, Ambrósio, em mais tarde buscar conversão de vida e dedicar-se a Deus.

Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava. Já os não podia discernir uns dos outros. Enquanto abria o coração para receber as palavras eloquentes, entravam também de mistura, pouco a pouco, as verdades que ele pregava. Logo comecei a notar que estas se podiam defender. Já não julgava temerárias as afirmações da fé católica que eu supunha nada poder retorquir contra os ataques dos maniqueus. (AGOSTINHO, 1999, p. 141)

No ano de 384, sendo professor em Milão, apreciou outra cultura que o deixou animado, pois ali a retórica e filosofia neoplatônica eram praticadas.

Neste período, seguiu por um tempo o maniqueísmo³, pensando que este seguimento poderia lhe dar respostas sobre aquilo que não tinha compreensão. Porém, devido a frustrações com membros, deixou de fazer parte desse pensamento, mas ainda obstante, levando consigo pensamentos sobre a existência de bem e mal. Logo, esteve em Roma e virou um cético filosófico.

Apagado assim meu entusiasmo pelas obras maniqueístas, e nada podendo esperar de outros mestres, já que o de maior fama se revelara tão incompetente diante dos problemas que me

³ Religião herética fundada por Mani - reformador persa que viveu entre os anos 216 e 277 – no século III na Pérsia, que explicava o paradoxo e a desordem do mundo recorrendo aos seus dois princípios antagônicos: duas naturezas e substâncias, a do bem e a do mal, com uma doutrina de salvação ao nível racional. Implicava: racionalismo, materialismo, dualismo radical na concepção do bem e do mal, como princípios morais, ontológicos e cósmicos. Cristo, para os maniqueístas, foi revestido de carne aparente, sua morte e ressurreição eram também aparentes. A promessa do Espírito Santo se realizou em Mani. O Antigo Testamento era rejeitado, pois Moisés, como um dos príncipes das trevas, não foi inspirado por Deus. O pecado original não foi atribuído ao livre arbítrio, mas ao princípio universal do mal que habitou nos homens (Santos e Pina, 1999).

angustiavam, resolvi manter com ele relações baseadas apenas no grande interesse que mantinha pela literatura, que eu, como professor de retórica, ensinava aos jovens de Cartago. [...] Quanto ao mais, o ardor que eu tivera em progredir na seita que abraçara, arrefeceu completamente logo que conheci esse homem, mas não a ponto de desligar-me radicalmente dos maniqueístas. Com efeito, não encontrando solução melhor, decidira contentar-me temporariamente com ela, até encontrar algo mais claro que merecesse ser abraçado (CONFISSÕES, 1999. p. 13).

Por volta de seus 32 anos aconteceu sua conversão ao cristianismo, após várias conversas com Ambrósio, que cultivou a fé católica no espírito de Agostinho. Essa passagem de Romanos foi de grande importância para a conversão de Santo Agostinho, como direcionamento de suas ações perante Deus:

“Andemos honestamente como de dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos preocupeis com a carne para que não excitardes as suas cobiças.” (ROMANOS 13, 13-14)

No ano de 391, quando Agostinho completou seus 37 anos, sendo um pregador bastante conhecido em toda a região, foi ordenado padre e quatro anos depois se tornou o bispo de Hipona, ao qual se manteve até o final de sua vida. Com isso, era fácil identificar que Santo Agostinho era guiado pela fé, mas nunca obstante da razão, ao qual havia se regido até então, por considerar que assim como a alma tivesse uma raiz de onde veio (Deus), o mesmo se pautava para a inteligência, que por vezes se fundava na ciência.

A fé é uma preparação para o entendimento daquilo em que se acredita. Ela purifica a mente. De si mesmo, o ato de fé, consistindo na submissão à autoridade da palavra divina, é já remédio contra o orgulho e dispõe a vontade a não perturbar a inteligência na procura da verdade. Além disso, estando concentrada numa verdade, a atenção da mente liberta os olhos espirituais das seduções dos sentidos e da imaginação. Sobretudo e principalmente, com as verdades conhecidas por revelação, o homem conhece já as normas

do correto comportamento e vivendo bem dispõe-se cada vez melhor para conhecer a verdade. (SANTO AGOSTINHO FILÓSOFO, p. 214-215)

Consolidada sua conversão, principalmente, através das Cartas de São Paulo, Santo Agostinho passou a entender a filosofia como esclarecedora de parte de suas hesitações, pois o sentido da fé, ou seja, a Verdade, em sua perspectiva só podia ser encontrada por meio de Cristo, ao qual permite o homem encontrar o caminho da salvação, dividindo assim com a razão, que concede aos indivíduos a capacidade de refletir sobre seus atos em direção ao Soberano.

Deleitando-se em Deus, já estando muito doente e com idade avançada, no dia 28 de agosto de 430, faleceu na cidade de Hipona, onde viveu uma boa parte de sua vida. “Se durante a etapa de sua vida humana, a alma vence as cobiças com que se nutriu pelo gozo das coisas perecedoras, se ela crê que para as vencer Deus a ajuda com o socorro de sua graça, e se submete a ele, em espírito e de boa vontade, então, sem dúvida alguma, ela será regenerada. Da dissipação de tantas coisas transitórias, voltará ao Uno imutável.” (AGOSTINHO, 1992, p. 56)

EDUCAÇÃO EM SANTO AGOSTINHO

Com base nos referenciais paulinos ele concebeu a educação como um processo mediante o qual o “homem exterior”, material, mutável e mortal, representado pelo corpo, cedeu lugar para o “homem interior”, espiritual, imutável e imortal, representado pela alma. Esta transformação ocorria quando o homem se aproximava e familiarizava com Cristo (REDONDO; LASPALAS, 1997). Desse ponto de vista, o discípulo não chegava à verdade por meio do mestre, mas pela contemplação. O “olho” interior, o “olho” da “mente”, da alma, é que lhe permitia captar a verdade essencial, possibilitada por Deus (AGOSTINHO, 1980, XII, 40, p. 320-321). Daí a importância, para Santo Agostinho, da interiorização para a renovação e a comunhão com Deus.

Isso não significava que homem devesse deixar de considerar o mundo dos corpos, terrestres e celestes, mas que, ao se voltar para dentro de si, num exercício de interiorização poderia descobrir a inteligência e encontrar uma “luz imutável”, uma “região de incessante fecundidade”, plenamente divina (PÉPIN, 1983). Era essa condição para o desabrochar do conhecimento, da sabedoria, de uma vida feliz que ele aconselhava nos *Tratados sobre o Evangelho a São João*: “Volta ao coração, olhe ali que é o que talvez sentes de Deus: ali está a imagem de Deus. No homem

interior habita Cristo, e em seu interior será renovado segundo a imagem de Deus; reconhece em sua imagem a seu Criador” (AGOSTINHO, 2005, XVIII, 11, p. 421).

Ele explicava que a adoção desse procedimento devia-se ao ideal, ao fato de Deus ser o criador de tudo e, conseqüentemente, o princípio do nosso ser. Por isso atribuía tal importância ao encontro do homem com seu criador por meio da interiorização, na busca do encontro com a sua alma.

“A Verdade interior é o próprio Cristo, o Mestre que ensina a alma conforme sua capacidade/possibilidade e humildade/ternura para receber o ensino que Dele provêm.” (REDONDO; LASPALAS, 1997, p. 685)

Da mesma forma, Santo Agostinho acreditava que a fé é algo dado por Deus a medida que aprofunda-se no Divino e a alma é alimentada. Com isso, temos o conhecimento da Verdade, que, para Agostinho, é permanente e eterna, já o pensamento humano é temporal e instável.

Podemos aqui relacionar o processo de ensino-aprendizagem com a condição humana de desenvolver o conhecimento segundo a comunicação, aqui no caso, num processo comunicativo com o próprio Deus, sendo Cristo o verdadeiro Mestre.

Com isso, ele explicava a importância dos estudos da razão, por meio dos signos e palavras, onde as palavras, em função da aprendizagem, induzem aos signos e este leva ao conhecimento, e que pelo processo da construção desse conhecimento, dada entre o mestre e o discípulo, chegasse ao sentido da Verdade, esta que somente Deus tem o poder de conceder.

Quanto é pequena a quantidade de ouro, prata e vestes tirada do Egito por esse povo hebreu em comparação com as riquezas que lhe sobrevieram em Jerusalém, e que aparecem sobretudo com o rei Salomão (1 REIS 10, 14, 23), assim é igualmente pequena a ciência – se bem que útil – recolhida nos livros pagãos, em comparação com a ciência contida nas divinas Escrituras. Porque tudo o que um homem tenha aprendido de prejudicial alhures, aí está condenado, e tudo o que aprendeu de bom, aí está ensinado. E quando cada um tiver encontrado tudo o que aprendeu de proveitoso em outros livros, descobrirá muito mais abundantemente aí. E o que é mais, o que não aprendeu em nenhuma outra parte, somente encontrará na admirável

superioridade e profundidade destas Escrituras. Bem munido por essa formação e não estando mais paralisado por signos desconhecidos, o leitor manso e humilde de coração, submisso ao julgo de Cristo, carregado com um fardo leve, fundado, enraizado e edificado na caridade, poderá lançar-se ao exame e à discussão dos signos ambíguos das escrituras [...] (AGOSTINHO, 2002, p. 87).

Nas reflexões educacionais em Santo Agostinho, ele explica fé e razão utilizando as palavras, bem como, a formação do homem sendo obra divina, e que esse processo permeia pela Iluminação até chegar a Verdade (SCIACCA, 1966). Quem estabelece essa verdade é Deus diretamente na mente, e para que se desenvolva uma aprendizagem real, o mestre precisa vencer a barreira dos signos e ser convincente dos termos que utiliza.

Desta forma, temos a comunicação entre mestre e discípulo que passa por limitações de quem as ensina para aos que se fazem ouvir, pois a aprendizagem se realiza no interior do discípulo, como enfatiza na Instrução aos Catecúmenos:

“Preferimos ler ou ouvir preleções já prontas e melhores e por isso aborrece-nos improvisar, com resultado incerto, o que dizemos [...]. Nós mesmos, ao rever os nossos comentários, discordamos sempre de alguns pontos e não sabemos como foram entendidos quando os proferimos. Se algo em nossas palavras ferir o ouvinte, o próprio fato deve ensinar-lhe até que ponto se podem desprezar os sons menos corretos ou menos apropriados; se a verdade for apreendida, realmente, as palavras soam apenas para que a coisa seja entendida”. (INSTRUÇÃO DOS CATECÚMENOS, I, 11, 16)

Em suma, nas elaborações de Santo Agostinho, o processo de ensino-aprendizagem em relação ao Mestre interior é um momento individual, oportunidade única que exprima condição complexa, enigmática e contemplativa pela comunicação humana.

FÉ E RAZÃO PARA SANTO AGOSTINHO

O homem, na visão de Santo Agostinho, constitui-se de forma total quando corpo e alma se unem, sendo que um e outro de forma isolada não podem ser assim chamado. O corpo, de maneira física, simboliza e expressa sua existência, e que como tal é perecível aos elementos do tempo e espaço pelas suas medidas. No entanto, a alma, por sua vez, é estabelecida por Santo Agostinho como um “elemento de posses racionais e hábil a nutrir um corpo” (AGOSTINHO, 1997, p.67), detendo as faculdades inferiores, e de forma superior, mas tal qual simples, um elemento uno, espiritual e imortal, de forma que não se estende em quantidade e qualidade, e nem movimenta com o espaço, porém é semelhante às mudanças temporais.

Partindo do sentido corpo e alma e tendo aqui este pressuposto como corpo semelhante a razão e a alma para a fé, entramos então no entendimento agostiniano sobre a fé e a razão em que ele acredita ser necessário crer para compreender, pois

a fé (alma) ilumina os caminhos da razão (corpo); posteriormente, a compreensão nos confirma a crença. Isso significa que, para Agostinho, a fé revela verdades ao homem de forma direta e intuitiva. Vem depois a razão esclarecendo aquilo que a fé já antecipou. Para Santo Agostinho a realização desse processo é fundamental para a efetivação da educação cristã, a qual se realiza interiormente.

Santo Agostinho tem como propósito de encorajar o homem a procurar o caminho da salvação pela fé, assim com conhecimento da razão entender o que não nos é revelado aos olhos.

Quais são as regras que inspiram esse juízo, senão as normas eternas que deveriam nortear a vida de cada um, embora não se viva assim? Onde as encontramos? Certamente, não será em nossa própria natureza, pois tais normas são vistas sem dúvida pela alma, mas esta é mutável, ao passo que qualquer um pode perceber que essas regras são imutáveis. Não será tampouco no estado habitual da alma, pois elas dizem respeito à justiça, mas de fato, a alma dos mortais se orienta sempre pela justiça; onde, pois estarão escritas essas regras? Elas que possibilitam ao injusto reconhecer o que é justo, descobrir que deve possuir aquilo que ele mesmo não possui? Onde hão de estar escritas senão no livro daquela luz que se chama Verdade. Nesse livro é que se baseia toda lei justa que é transcrita e se transfere para o coração do homem que pratica a justiça. Não como se ela emigrasse de um lado para outro, mas a modo de impressão na alma. Tal como a imagem de um anel fica impressa na cera, sem se apagar do anel. Entretanto, aquele que não pratica a justiça, apesar de saber que deve praticá-la, afasta-se daquela luz, pela qual, no entanto, é iluminado. (DE TRINITATE, XIV, XV, 21)

Com essa ideia sobre a mente humana, fica concebível de o homem colocar em prática a razão, que ele consegue perceber como dogma o que é formoso, fraterno, legítimo, entre outras denominações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas premissas, entre tantas outras, colocam à luz as contribuições que as reflexões de Santo Agostinho deixaram para o corpo filosófica-doutrinal da Igreja, no caso específico, para a educação.

O pensar agostiniano refletiu a formação do homem cristão, embora espalhado por toda a sua produção, e não em uma obra específica, atendendo a nova ordem social inaugurada com o cristianismo, mas que posteriormente contribuiu um pensar formativo, em outros tempos, inclusive ecos desse pensar chegaram até os dias atuais.

Assim sendo, esse trabalho refletiu como a fé e a razão em Santo Agostinho orientam, a educação cristã proposta por ele, possibilitando ao discípulo chegar, segundo ele acreditava, ao conhecimento e a verdade, ao encontrar com o seu Criador, no seu interior.

Refletir sobre essas questões na atualidade, não tem por fim recuperá-las, visto terem sido produzidas para um tempo histórico pretérito, com preocupações específicas para esse mesmo tempo, ou seja, para atender de uma sociedade que se organizava sob a orientação da Igreja.

Ao recuperar essas preocupações históricas, em particular, as educacionais, permitem um encontro com um passado educacional, e o modo pelo qual a educação contribuiu com a transformação do homem e da sociedade para a qual foi produzida. Essas questões conforme se colocam em condições para pensar a educação na atualidade, os caminhos que estão sendo traçados por ela, no sentido de transformar e promover o homem que ela a serviu. Até mesmo, entender os acertos e enganos que ela traz consigo, considerando que o homem é o mesmo, em todos os tempos, espaço e cultura, o que diferenciam, entre as quais, são as demandas da sociedade que a pensou e a produziu.

REFERÊNCIAS

MELO, José J. Pereira. **Santo Agostinho e o pensamento clássico**. NOTANDUM – Ano XIII – n. 24, p. 55-64, 2010.

MELO, José J. Pereira. **Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino**. EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, v. 24, n. 48, p. 409-434, 2010.

MELO, José J. Pereira. **Santo Agostinho e o problema da aprendizagem humana**. IMAGENS DA EDUCAÇÃO, v. 5, n. 1, p. 82-94, 2015.

MELO, José J. Pereira. A educação em Santo Agostinho. In: SOUZA, Mariana. R. **Processo de interiorização na busca pelo conhecimento**. PUCPR: EDUCERE, p. 2456-2468, 2009.

FREITAS, Manuel da Costa. **Razão e fé no pensamento de Santo Agostinho**. DIDASKALIA, v.29, n. 1-2, p. 249-255, 1999.

MATTOS, José R. Abreu de. **Fé Razão e Conhecimento em Santo Agostinho**. ESPAÇO TEOLÓGICO, v. 12, n. 21, p. 15-21, jan/jun. 2018.

MELO, José J. Pereira. **Padres da Igreja e o diálogo com o pensamento clássico**. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, v. 1, n. 1, maio/2008.